

Relato do processo heurístico de aquisição de conhecimentos de um esquizofrênico paranóide

Daniel Luporini de Faria¹

UNESP – Marília

Resumo: Tendo sido diagnosticado há cerca de dez anos como esquizofrênico paranóide, relato no presente artigo minhas experiências no que tange ao processo heurístico de aquisição de conhecimentos. Nesse processo, organizei os diferentes modos como apreendo conhecimentos. Os modos que apresento são os de a) apreensão sinestésica; b) indução alucinatória; c) apreensão ostensiva; d) por associação de ideias; e d) por iluminação ou intuição. Adianto ao leitor que, propositalmente, passo ao largo da tradição empirista inglesa dos séculos XVII e XVIII, bem como das orientações fenomenológicas dos séculos XIX e XX. Devo alertar ao leitor que passo ao largo de tais orientações filosóficas e psicológicas visando tecer um texto “limpo” de teorias, como penso que um relato deve ser. O presente artigo tenciona ser útil/valioso para as seguintes disciplinas: psicologia, psiquiatria, neurociências e filosofia.

Palavras chave: Esquizofrenia; Conhecimento; Filosofia.

¹ Mestre em Filosofia da Mente, Lógica e Epistemologia pela UNESP – Marília.

Introdução

Na antiguidade grega, Platão (*A República*, 1949) considerava o poeta e todos aqueles tidos como criativos, em especial artistas, seres tocados pelo sobrenatural, ou pelos deuses. No momento da criação artística, pensava Platão, o elemento irracional se fazia presente, não havendo, com efeito, uma heurística palpável, racional, mas sim um toque divino de irracionalidade.

No presente trabalho, não me ocuparei propriamente com a noção de criatividade, pois não me considero uma pessoa criativa e, tampouco, pouco entendo da controvertida noção de criatividade que, sequer, possui uma definição bem estabelecida, aceita sem reservas por toda a comunidade científica e filosófica (BODEN, 1999, p. 12).

Assim, procurarei, no texto que se segue, fazer uma análise fenomenológica acerca da heurística peculiar que possuo no que tange à aquisição de conhecimentos. Os conhecimentos a que me refiro são das mais variadas ordens: andar de bicicleta, fazer um novo prato gastronômico, apreender um conceito, enfim, tudo o que existe para ser aprendido por uma pessoa qualquer.

Os processos heurísticos pertinentes à aquisição dos conhecimentos arrolados acima podem ser classificados seguindo alguns padrões não muito bem estabelecidos, pois em alguns casos tais padrões se fundem e se confundem. Mas mesmo assim, posso classificar minhas aquisições de conhecimentos em cinco subtipos, a saber:

- a) Sensoriais ou sinestésicos;
- b) Por indução alucinatória;
- c) Por indicação ostensiva;
- d) Por associação de ideias;
- e) Por iluminação ou intuição;

Como aventado no título e introdução deste artigo, meu diagnóstico é o de esquizofrenia paranóide, classificado no CID como F 20.0. Entretanto, como é notório no meio psiquiátrico, o processo de diagnóstico de uma psicopatologia deve sempre ser provisório, levando-se em consideração a dificuldade de isolar e classificar a sintomatologia do paciente. Portanto, para nossos propósitos, entendamos, genericamente, que eu sou apenas um psicótico, um indivíduo que enxerga a realidade de forma distorcida e que manifesta comportamentos, para alguns, irracionais.

Infância e adolescência

Até a faculdade, nunca gostei de ir à escola. Não porque não gostasse de aprender coisas novas, mas pelo simples fato de que sempre odiei o convívio com terceiros. Sempre me senti mais a vontade sozinho e isolado socialmente. Mas mesmo não gostando da escola (repeti a terceira série por faltas), sempre gostei de aprender coisas novas, pois como diz Aristóteles no início da *Metafísica*: “Todos os homens tem, por natureza, o desejo de conhecer” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1973, p. 211). E prossegue Aristóteles fazendo menção ao conhecimento proveniente da visão: “uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam

*Relato do processo heurístico de aquisição de conhecimentos
de um esquizofrênico paranóide*

por si mesmas e, mais que todas as outras, as visuais. Com efeito, não só para agir, mas até quando não nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, a vista aos demais” (Idem, 1973, p. 211).

Dizer com precisão o momento em que adoeci é uma tarefa das mais complicadas, isto porque desde a mais tenra infância (pelo menos desde os sete anos), esporadicamente manifestei pequenos episódios psicóticos, episódios esses que iam desde cortar os pulsos obedecendo a vozes de comando, até ver vultos projetando-se ao meu redor. Mas no que tange à aquisição de conhecimentos, creio que fui uma criança e um adolescente normal. Normal no sentido de que aprendia as coisas por tentativa e erro, por ostensão, bem como teoricamente, ouvindo ou lendo algo.

Mas foi, sobretudo, após os vinte e quatro de idade, quando comecei a ter surtos psicóticos violentos e constatou-se minha psicopatologia, é que meu processo de aprendizagem parece ter mudado radicalmente; não sei se para pior, ou melhor, mas o fato é que, desde os vinte e quatro anos, percebo o mundo e categorizo-o de forma diferente, como veremos a seguir.

Apreensão sinestésica

Já no mestrado, quando estudava a relação mente-corpo numa perspectiva Ryleana, percebi que, quando captava algo que lia ou ouvia, como um argumento ou conceito, às vezes sentia certo “calor” nas têmporas, bem como alterações no campo visual. É estranho dizer, mas parece que as cores ficavam mais vivas, como se eu tivesse feito uso de ácido lisérgico. Só para dar um exemplo, quando entendi que não era possível, para Schoemaker, funcionalizar os *qualia*, percebi que o vermelho de minha camiseta, bem como o amarelo da capa de um livro que estava na escrivaninha ficaram extremamente vívidos, saltando aos olhos e distinguindo-se das demais cores dos outros objetos. Essa sensação no mínimo estranha durou cerca de um minuto, e veio associada a uma espécie de euforia que raras vezes senti na vida.

Outro bom exemplo parecido com o primeiro se deu logo no início de minhas crises psicóticas, época essa em que pude apreender o argumento da “aposta” de Pascal. Quando caiu a ficha de que para esse filósofo era mais inteligente crer em Deus a não crer, imediatamente minha bola amarela de basquete ficou “incandescente”, extremamente vívida, com um amarelo bem diferente do modo como agora, neste momento, observo a mesma bola de basquete.

Interessa notar que, quando tais fichas caem, além das alterações físicas como “quentura” nas têmporas ou alterações qualitativas no modo como observo as cores (principalmente cores quentes), sinto também uma espécie de euforia muito grande. Fico agitado, andando de um lado para o outro e fumando um cigarro atrás do outro.

Devo confessar que não foram muitas as vezes que passei por tais experiências. Tudo o que sei, é que tais fenômenos ocorrem especialmente quando apreendo um ponto de vista ou argumento, e estou muito empolgado com a leitura ou palestra.

Apreensão por indução alucinatória

Quando estou em surto, às vezes ocorre de personagens fantásticos ou simplesmente vozes dentro de minha cabeça me induzirem a conhecer determinados conceitos ou argumentos. No meu segundo ano de mestrado, quando o prazo para a defesa estava chegando ao fim, foi recorrente em meus surtos um homem chamado Descartes aparecer para mim e me orientar quais caminhos eu deveria tomar em minha dissertação. O que era para parecer algo teoricamente benévolo, para mim era aterrorizante. Eu não admitia para mim mesmo que estava enlouquecendo e surtava violentamente quando Descartes ou as vozes apareciam. Quebrava vidros com socos ou cabeçadas, me cortava com vidros e facas, me queimava com cigarro, enfim, eu não conseguia e, por mais que me doa, não consigo lidar com minhas alucinações de modo natural ou saudável (se é que existem meios para tanto).

Quando ouço vozes ou tenho visões, em geral, elas se apresentam como dando ordens de comando: matar meu pai, esquartejar minha irmã, estuprar minha mãe, enfim, bestialidades que me tiram do sério e me deixam tremendamente perturbado por me recusar a fazer tais coisas. E o mesmo se pode dizer do que disse anteriormente sobre visões ou vozes benevolentes, que me instruem, me direcionam e ensinam. Mesmo nesses casos eu perco a estribeira por não aceitar, reitero, ser diferente.

Apreensão por ostensão

Talvez a aquisição de conhecimentos por ostensão seja a mais trivial das formas de aprendizagem a julgar pelo modo como as crianças associam nomes aos objetos. Mas sendo trivial ou não, o fato é que quando estou psicotizado (doente), toda e qualquer forma de ostensão que se me apresentam passam a ser associadas a imagens mentais.

Como exemplo posso citar um fato ocorrido numa de minhas primeiras internações. Ao chegar à enfermaria do sanatório, antes de tirar a roupa, aponte para um aparelho que estava em cima da mesa do enfermeiro. Perguntei para ele o que era aquilo e ao dizer que se tratava de um destro, imediatamente me veio à mente a imagem de uma tatuagem que tenho na mão esquerda. Assim, quando vejo minha tatuagem, imediatamente me vem à mente a imagem de um aparelhinho para medir glicemia (destro), e vice-versa.

Outro exemplo interessante de associações ostensivas, se deu quando fui à Porto Alegre certa vez. Tomando chimarrão com uns hippies, observei atentamente o modo de preparo do chimarrão e, quando caiu a ficha da simplicidade daquele processo, me veio à mente a imagem de uma lapiseira que meu pai me deu quando eu era criança; de sorte que, quando penso em chimarrão, imediatamente me vem à mente a imagem da lapiseira amarela que me fora dada por meu pai, e vice-versa.

Dessas experiências de aprendizado por ostensão que me veem acompanhadas de imagens mentais, devo salientar que nenhum sentimento está envolvido. Não há euforia, tédio ou depressão acompanhando tais processos. Ademais, posso dizer que tenho um banco de dados imagéticos extremamente grande associando coisas que aprendi ostensivamente.

Aprensão por associação de ideias

Desde criança, era natural para mim, e imagino que para toda criança, associar pessoas a acontecimentos ou a odores, gostos, etc. Nisso eu não me diferencio de nenhuma criança. Porém, depois que minha doença se tornou crônica, praticamente tudo o que aprendo associa-se a um outro conjunto de ideias, ideias essas que, objetivamente, em nada se assemelham ao conhecimento adquirido.

Para que meu discurso não soe evasivo, posso citar o exemplo de quando apreendi a noção de recalque em Freud. Já no mestrado, numa conversa informal sobre fundamentos da psicanálise com a estimada profa. Dra. Beth Milidoni, quando entendi o que Freud entendia por recalque, imediatamente me veio à mente a cena de meu falecido cachorrinho brincando com minha bola de futebol azul; e o mesmo se dá quando penso naquela bola, pois imediatamente me vem à mente as lições sobre recalque que tive com a Dra. Beth.

O leitor atento deve ter percebido que esta heurística de aquisição de conhecimentos por associação de ideias em muito se assemelha ao processo de aquisição de conhecimentos por ostensão. Contudo, devo destacar que o que os diferencia é o teor das imagens; ou seja, quando associo algo que aprendi por ostensão, a imagem em minha mente é “parada”, como uma fotografia, ao passo que quando aprendo algo por associação de ideias, um pequeno filme roda em minha mente quando penso num dado conceito ou argumento que aprendi.

Para tornar menos obscuro o parágrafo precedente, posso dar como exemplo que a “coisa-em-si” Kantiana, nada mais é que o filme de meu sobrinho de seis meses bocejando numa ensolarada manhã. Os exemplos são muitos, e não convém cansar o leitor com tantos exemplos. Assim, passemos agora ao processo de aquisição de conhecimentos que julgo ser o mais importante devido à energia psíquica que em mim aflora quando o vivencio.

Aprensão por iluminação

Quando estou emocionalmente fragilizado, ou seja, mentalmente doente, ouvindo vozes, tendo visões, enfim, doente mesmo, costume (raramente), passar por um processo que, por falta de um termo melhor, chamo de iluminação.

Este estado de consciência alterado se manifesta quando estou em surto, e consiste numa espécie de apreensão “mágica” de um argumento ou conceito. Destaco a palavra “mágica” em função de que tal processo de apreensão se dar enquanto um sentimento muito íntimo, uma luz, a plena certeza de que o que estou pensando no momento do surto é a verdade com “V” maiúsculo.

Este processo de iluminação não se restringe a descobertas ou insights gloriosos, podendo se dar também com pequenas coisas usuais do dia a dia; mas o sentimento é o mesmo. É um sentimento de que tudo parece fazer sentido, como se tudo no mundo remetesse a uma única ideia monumental e gloriosa, mais ou menos como diz Willian Blake num de seus provérbios do inferno que: “uma só ideia impregna toda a imensidão” (BLAKE, 2001, p. 27).

O momento de iluminação mais marcante que tive se deu quando buscava um desfecho para meu trabalho de conclusão de curso. Eu estava completamente fora de mim, muito exaltado por ter de cumprir o prazo estipulado para apresentação do trabalho, e foi numa noite iluminada que concluí “bestamente”, e não muito diferente de Hume, que a noção de uma identidade pessoal duradoura carece de sentido.

A conclusão a que cheguei em meu trabalho não teve nada de criativa ou celestial, mas o sentimento que me acompanhou enquanto concluía o trabalho foi simplesmente sublime; parecia que tudo fazia sentido, uma sensação de inefabilidade acompanhou todo o processo. Parecia que, aquela ideia, era a tal única ideia que impregna toda a imensidão de que fala Blake. Meus próprios *qualia* se modificaram: as cores, os odores, tudo parecia mais vivo e repleto de sentido, mesmo sendo tal sentido algo completamente indizível, não palpável, cognoscível somente para mim.

Considerações finais

Como considerações finais, gostaria de ressaltar que, independentemente do meu diagnóstico psiquiátrico, o relato do presente texto deve ser lido como uma forma alternativa de se compreender a heurística do processo de apreensão de conhecimentos. Heurística esta embasada em estados alterados de consciência e escritos em primeira pessoa.

Como o leitor deve ter percebido, faço pouca menção aos clássicos da filosofia e da psicologia. Isto porque, em primeiro lugar, procurei fornecer à comunidade acadêmica um dado fenomenológico, pretensamente “desimpregnado” de teorias e hipóteses bem estabelecidas. Assim, conscientemente, passei por cima de toda a tradição empirista inglesa dos séculos XVII e XVIII, que muito contribuiu no tocante à associação de ideias, bem como passei por cima também da orientação fenomenológica da escola francesa dos séculos XIX e XX.

Dito isso, posso apenas dizer que, no presente artigo, procurei, ingenuamente, organizar impressões de uma mente psicologicamente disfuncional, que pode servir de material aos campos da psicologia, psiquiatria, neurociências e filosofia.

*Relato do processo heurístico de aquisição de conhecimentos
de um esquizofrênico paranoide*

Faria, D.L. (2012) Report of a heuristic process of acquiring knowledge and of a paranoid schizophrenic. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2), 106-118.

Abstract: *Having been diagnosed as a paranoid schizophrenic about 10 years ago I described in the following paper my experiences regarding the heuristic process of acquiring knowledge. Doing so, I organized the different ways in which I attain knowledge. These are described as: a) synesthetic apprehension; b) hallucinatory induction; c) ostentatious induction; d) association of ideas; and e) illumination or intuition. I inform the reader that I purposefully present a broad outlook of the English empiricist tradition of the 17th and 18th centuries, as well as the phenomenological orientations from the 19th and 20th centuries. I must warn the reader that I present such broad outlooks of these philosophical and psychological orientations aiming a text "clean" of theories, such as I believe a simple account should be. This article aims to present itself useful to the following disciplines: psychology, psychiatry, neuroscience and philosophy.*

Key Words: *Schizophrenia; Knowledge; Philosophy.*

Bibliografia

Aristóteles (1973) *Metafísica*. Tradução de Vincenzo Cocco. Coleção Os Pensadores (Livro I, 204 – 235 p.). São Paulo: Abril Cultural.

Blake, W.(2001) *O matrimônio do céu e do inferno*. (15-55 p.). Tradução de José Antônio Arantes. São Paulo: Iluminuras.

Boden, M. A. (1999) *Dimensões da criatividade*. Tradução de Pedro Theobald. *Introdução* de Margareth Boden. (11-21 p.). Porto Alegre: Artmed.

Platão (1949) *A República*. Tradução de Maria Helena de Rocha Pereira. 511 p. Lisboa: Fundação Calouste.

Recebido: 04 de abril de 2012.

Aprovado: 12 de novembro de 2012.